

Doença Incurável

O medo de um paciente de ser operado no Hospital da Lagoa, quando já estava na maca e sob soro, ao perceber que o ar-condicionado não funcionava e os enfermeiros fumavam desbragadamente, é bem o retrato sem retoque de um sistema médico falido e sem pudor.

O paciente, que ia se submeter a uma operação para colocar pontes de safena, fez bem em se livrar do soro e abandonar o centro cirúrgico. A medicina brasileira atinge um de seus pontos mais baixos e se revela em toda a desfaçatez de um mercantilismo que não conseguirá piorar ainda mais porque não há nada mais a piorar.

Qualquer médico é um ser humano como os outros, sujeito a vaidades e defeitos, mas o padrão moral exibido por vários deles nos hospitais públicos já chegou há muito ao fundo do poço. A população sabe hoje que os hospitais são lugares perigosos. O doente, quando não escapa da imperícia ou da omissão de socorro, acaba morrendo pela infecção hospitalar que não poupa ninguém, do mais humilde paciente ao presidente da República.

A ética médica, no Brasil, ao invés de defender o paciente, limita-se a defender o médico na intimidade do corporativismo. O Brasil há muito passou a ser o país dos Códigos que defendem consumidores e pacientes apenas no papel, porque na prática há uma distância abismal entre a vontade de acertar e de servir a população e a defesa dos privilégios que garantem a existência de grupos tornados nocivos à sociedade pela incapacidade de pensar para fora.

O sistema de saúde brasileiro é tão incompetente e a medicina tão mercantilizada que o sanitarrista Sérgio Arouca comentou com ironia que eles não conseguiram erradicar a malária e a doença de Chagas, mas quase erradicaram os apêndices e as amígdalas da população. Todos os anos os conselhos de medicina recebem quase mil e quinhentas denúncias de erros médicos; mais grave do que isto é a impunidade dos médicos.

Os casos de incompetência e negligência se multiplicam diariamente nos hospitais e nos consultórios médicos, não raro vindo à tona histórias de traumatismos cranianos tratados com analgésico ou de operações que ao invés de extrair uma pedra no rim acabam tirando o rim inteiro. O dr. Nelson Senise, autor de *Medicina e impunidade*, gosta de repetir que a maioria dos erros médicos ocorre em casos considerados banais pela medicina. Os médicos não se compenetraram de que um abscesso deve ser tratado com o mesmo cuidado de um tumor cerebral. Falta-lhes humildade para tratar de determinados casos. A insensibilidade permite que prefiram deixar os pacientes morrer a gastar tempo na cura deles.

Ivan Illich, na sua denúncia radical à medicina mercantilizada, acusou-a de ser uma indústria que mata mais do que cura. No Brasil, por obra de um corporativismo que não se deixa tratar pela lógica e a razão, os médicos matam e enterram seus erros com a complacência dos colegas. Na realidade, estão perdendo a última oportunidade de mudar o sistema de saúde do Brasil. A doença da medicina é quase um caso perdido, incurável.